Laura Bellini



Não Desligue *Essa Música*

Compartilhar o mesmo ritmo não é suficiente para confiar

Não Desligue Essa Música

Compartilhar o mesmo ritmo não é suficiente para confiar

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384901182

ALL-IN Rafał Płonkowski

ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O preço do silêncio.....13
Capítulo 2 - Entre as notas 23
Capítulo 3 - Os sons que não se ouvem 37
Capítulo 4 - O que não estava escrito na partitura..... 48
Capítulo 5 - O direito de dizer não 63
Capítulo 6 - A primeira vez sem partitura..... 75
Capítulo 7 - Entre o desejo e a verdade 88
Capítulo 8 - Do outro lado do palco 98
Capítulo 9 - A coragem de ser imperfeita 109
Capítulo 10 - Sem a distância de segurança 120
Capítulo 11 - Um lugar para dois 133
Capítulo 12 - As condições que não combinamos..... 144
Capítulo 13 - Nem tudo está à venda 157
Capítulo 14 - Tudo o que podemos perder.....169
Capítulo 15 - A verdade nas letras miúdas 180
Capítulo 16 - O silêncio depois do último acorde 192
Capítulo 17 - Com minha própria voz 202
Capítulo 18 - O preço da decisão certa 211
Capítulo 19 - Em igualdade de condições 223
Capítulo 20 - A música que não desligamos 233

INTRO

O primeiro som que tirei do violino soou tão estranho que, por instinto, olhei para o instrumento como se tivesse pegado o de outra pessoa por engano ao abrir o estojo. A corda lá respondeu de maneira aguda, impaciente, acompanhada pelo ruído desagradável do arco deslizando sobre ela. Parei depois de três notas. O silêncio tomou conta do estúdio, deixando audíveis apenas a chuva batendo no parapeito de madeira da janela e os estalos discretos da lareira acesa.

— Ótimo — murmurei. — Quatro meses sem tocar e estou parecendo uma aluna que acabou de descobrir o que é uma partitura.

Apoiei novamente o violino no ombro e tentei outra vez. Dessa vez, meus dedos fizeram exatamente o que eu esperava deles. A técnica nunca havia me abandonado. Nem mesmo durante meu último concerto, quando fiquei diante de uma plateia lotada na Filarmônica Nacional de Varsóvia e tive a impressão de que alguém havia desligado tudo dentro de mim, deixando apenas a memória muscular funcionando. Toquei sem cometer um único erro. O público se levantou para aplaudir. O maestro apertou minha mão. Recebi flores no camarim e, depois, tranquei a porta e passei vinte minutos sentada no chão, incapaz até de tirar os sapatos que usara no palco.

Desde aquela noite, não havia me apresentado nenhuma vez.

Agora, naquela casa de madeira situada a alguns quilômetros de um vilarejo na região de Podláquia, eu pretendia descobrir se ainda conseguia tocar por prazer.

Não para o público, para os críticos ou para as pessoas que haviam passado anos elogiando minha disciplina. E, principalmente, não para aqueles que acreditavam que ter talento significava a obrigação de provar seu valor incessantemente.

Sobre o suporte à minha frente havia um caderno de capa azul-marinho. Nele, eu tinha registrado meu planejamento para seis semanas. Nove composições, nenhum arranjo orquestral, nenhum recurso eletrônico para corrigir ou intensificar emoções. Violino, piano e, às vezes, violão. Sons suficientemente crus para que eu pudesse ouvir meus próprios erros e decidir quais deles realmente precisavam ser corrigidos.

O álbum seria meu.

Essa havia sido a primeira condição que estabeleci antes de aceitar a viagem.

Percebi uma luz vermelha piscando na tela do gravador. A gravação continuava, embora eu não tivesse a menor intenção de guardar aquele ensaio. Fui até a mesa de som, encontrei o botão correto e interrompi o registro. Foi então que ouvi uma voz masculina atrás de mim.

— Que pena. Estava começando a ficar interessante.

Virei-me com mais brusquidão do que seria esperado de uma mulher que ganhava a vida graças à precisão dos próprios movimentos.

Um homem alto estava parado à porta, usando um suéter azul-marinho escuro, com os cabelos molhados e uma caneca de café na mão. Devia ter por volta de quarenta anos. Não parecia alguém que tivesse entrado ali por engano enquanto procurava a recepção. Observava o ambiente com a naturalidade de quem era dono do lugar,

embora seus olhos permanecessem sobre mim com um interesse que ele não fazia questão de esconder.

— O estúdio deveria ficar vazio até amanhã — falei.

— Deveria.

— Essa resposta não ajuda em absolutamente nada.

O canto de sua boca se moveu discretamente.

— Miłosz Lew. Produtor musical.

Ao perceber que eu ainda segurava o violino e o arco, não estendeu a mão para me cumprimentar. Em vez disso, colocou a caneca sobre uma prateleira ao lado da porta.

Eu conhecia seu nome. Já havia ouvido gravações produzidas por ele e também conhecia a história de seu silêncio profissional. Durante o último ano, recusara entrevistas, deixara de comparecer a eventos do setor e, segundo os rumores, rejeitara vários projetos pelos quais outros produtores sacrificariam meses da própria vida. Ninguém sabia se ele havia se cansado da música, das pessoas ou de si mesmo.

— Celina Dąb — apresentei-me, embora fosse difícil acreditar que ele não soubesse com quem trabalharia.

— Eu sei.

— Então também sabe que reservei o estúdio exclusivamente para mim hoje.

— Também sei que você não almoçou. Tem sopa na cozinha.

Olhei para ele, incrédula.

— Isso faz parte do seu método de produção? Entrar sem bater e fiscalizar as refeições dos outros?

— Não. Isso faz parte de ser um bom anfitrião. Meus métodos de produção são muito mais irritantes.

Eu deveria ter ficado irritada. Até certo ponto, realmente fiquei. Detestava pessoas que agiam como se fossem capazes de identificar minhas necessidades depois de apenas cinco segundos de convivência. Ao mesmo tempo, havia algo desconcertantemente desarmante em sua resposta. Ele não se justificou em excesso nem tentou transformar tudo em um elogio.

Em vez de prolongar a discussão, voltei para o centro da sala.

— Gostaria de terminar meu ensaio.

— Claro.

Ele não saiu.

Arqueei as sobrancelhas.

— De preferência, sozinha.

Por um instante, ele me observou atentamente. Depois, assentiu e se afastou da porta.

— Você tem razão. Desculpe por entrar sem avisar.

Aquela resposta simples me surpreendeu mais do que sua insolência anterior. Eu estava acostumada com homens que interpretavam meus limites como convites para negociar. Ele simplesmente os respeitou.

Já estava prestes a sair quando percebeu uma folha presa ao quadro de cortiça.

— Essa é a ordem das suas músicas?

— Provisória.

— Vejo que deixou espaço para uma décima faixa.

— Não estou planejando uma décima.

— Então por que a numeração termina no onze?

Apertei os lábios. Não queria admitir que ele tinha razão. Eu havia eliminado duas composições do planejamento antes mesmo de chegar, mas mantivera a numeração original. Não conseguia tocar uma delas sem me lembrar do último concerto. A outra, simplesmente não conseguia terminar.

— Porque nem tudo precisa estar pronto no primeiro dia — respondi.

— Concordo plenamente.

Ele recuou para o corredor. Ouvi seus passos na escada de madeira e, alguns instantes depois, o som discreto de uma porta se fechando.

Só então soltei o ar que estava prendendo.

Dei uma olhada no celular. Havia três chamadas perdidas do meu antigo empresário e uma mensagem que eu não pretendia abrir. Já tinha recusado participar da turnê de inverno. Não me interessavam mais argumentos sobre reputação, compromissos e oportunidades que só aparecem uma vez na vida. Durante anos, cada uma dessas oportunidades havia me custado um pouco mais do que eu estava disposta a entregar.

Encostei o arco nas cordas.

Em vez da composição planejada, comecei a tocar uma melodia que não escrevia havia meses. Ela tinha surgido durante uma noite de insônia, quando eu tentava me lembrar por que, quando menina, conseguia passar horas praticando sem que ninguém precisasse me obrigar. No início, era simples, quase infantil. Depois, algo inquietante surgia entre as notas, uma frase interrompida pela metade, como uma palavra que alguém não tivera coragem de pronunciar.

Toquei por mais tempo do que pretendia. A chuva do lado de fora diminuiu. Esqueci o celular, o planejamento incompleto e o homem que havia percebido com facilidade excessiva as lacunas no meu caderno.

Quando a última nota desapareceu, ouvi um clique discreto.

O gravador estava funcionando novamente.

Aproximei-me da mesa de som. Na tela havia um arquivo novo, identificado com a data e o horário de início da gravação. Eu não havia tocado no equipamento desde que interrompera o ensaio anterior. Talvez ele tivesse sido acionado automaticamente, mas eu ainda não conhecia a configuração do estúdio.

Foi então que percebi um celular esquecido ao lado do teclado.

Não era meu.

Na tela iluminada apareceu uma notificação que desapareceu antes que eu conseguisse desviar os olhos.

"Proposta de licenciamento — aguardamos confirmação sobre a abrangência do material."

Eu não conhecia o remetente. Também não sabia se a mensagem tinha alguma relação com meu projeto. Mesmo assim, senti aquela pressão desagradável e familiar no estômago.

Peguei meu próprio celular e abri a troca de mensagens com Miłosz. Os termos do nosso acordo estavam registrados por escrito, com toda a clareza: nenhuma gravação seria entregue a terceiros sem minha autorização expressa. Nem versões de teste, nem trechos das composições, nem músicas finalizadas.

Ouvi seus passos no corredor.

Dessa vez, ele bateu à porta.

— Celina? Esqueci meu celular aí. Posso entrar?

Olhei para o registro da nova gravação. Para a mensagem com os termos do contrato. Para a porta, atrás da qual esperava um homem cuja voz permanecia tão tranquila quando pedia desculpas quanto quando me provocava durante uma conversa.

— Pode — respondi, abandonando conscientemente a formalidade. — Mas antes eu gostaria de te perguntar uma coisa.

Ele entrou e parou perto da soleira.

— Pode perguntar.

Não apontei para o celular. Não pretendia acusá-lo com base em uma notificação que talvez não tivesse absolutamente nada a ver comigo. Em vez disso, mostrei o gravador.

— Esse sistema começa a gravar sozinho?

Ele se aproximou da mesa de som, mantendo uma pequena distância entre nós. Tinha o cheiro da chuva, do café e de alguma fragrância discretamente amadeirada. Verificou as configurações e depois balançou a cabeça.

— Não deveria. Vou verificar o que aconteceu. Por enquanto, não vamos apagar nem utilizar nada sem que você decida.

Olhei para ele. De perto, consegui perceber pequenas rugas nos cantos de seus olhos e a marca de um corte antigo em uma das mãos. Ele sustentou meu olhar, embora eu permanecesse em silêncio por tempo suficiente para tornar a situação desconfortável.

— Aquela melodia era linda — disse finalmente. — Nunca tinha ouvido antes.

— Porque ainda não mostrei a ninguém.

— Entendo.

Ele não pediu que eu a tocasse novamente.

E, de repente, eu quis que pedisse.

Foi justamente isso que mais me inquietou. Não o celular desconhecido nem a gravação inesperada, mas a percepção de que, depois de apenas alguns minutos conversando com um homem que acabara de conhecer, eu queria permitir que ele tivesse acesso à música que até então havia protegido de todos.

— Miłosz?

— Sim?

Passei um dedo pela capa fechada do caderno azul-marinho.

— Se algum dia eu deixar você ouvir a composição inteira, como vou saber que ela continuará sendo minha?

Ele não respondeu imediatamente. Primeiro olhou para o caderno, depois para mim.

— Você vai precisar observar o que eu faço quando nossas opiniões entrarem em conflito.

Pela janela aberta, entrou o cheiro de madeira molhada. Miłosz estava perto o suficiente para que bastasse um único passo para ficar ao meu lado, mas não deu esse passo.

Eu ainda não sabia se queria mais descobrir qual seria sua resposta ou testar por quanto tempo conseguiria manter distância de um homem que, em vez de me prometer que eu

poderia confiar nele, acabara de admitir que precisaria conquistar minha confiança.

Capítulo 1 - O preço do silêncio

Na manhã seguinte, encontrei na cozinha um bilhete informando que o café da manhã estava na geladeira e que o estúdio estaria disponível a partir das nove. Embaixo, alguém havia acrescentado, com uma letra pequena e inclinada: "A máquina só faz um café decente na segunda tentativa. Jogue fora a primeira dose".

Examinei o recado e sorri involuntariamente. Miłosz Lew aparentemente pertencia àquela categoria de pessoas capazes de operar equipamentos musicais complicadíssimos, mas que haviam perdido uma guerra de muitos anos contra uma máquina de café. Eu não pretendia admitir que aquela pequena imperfeição o tornava um pouco mais interessante.

Do lado de fora da janela estendia-se uma paisagem que eu não seria capaz de reproduzir de memória nem mesmo depois de passar alguns dias ali. Prados molhados, bétulas, uma faixa escura de floresta e uma estrada estreita que desaparecia depois de uma curva. A casa ficava sobre uma pequena elevação, longe das construções mais próximas. Quando fiz a reserva, justamente o isolamento me pareceu sua maior vantagem. Agora eu me perguntava se passar seis semanas na companhia de um homem capaz de questionar todo o meu planejamento com uma única frase não acabaria sendo mais difícil do que voltar aos palcos.

Eu tinha trinta e quatro anos e passara a maior parte da vida adulta tomando decisões com base no que parecia sensato. Uma formação sensata, contratos sensatos, um repertório escolhido com sensatez. Até mesmo minha pausa na carreira havia sido apresentada ao mundo como um

descanso perfeitamente razoável depois de uma temporada intensa.

A verdade era consideravelmente menos elegante.

Eu já não conseguia ouvir minha própria música.

Cheguei ao estúdio quinze minutos antes do horário combinado. Miłosz estava sentado diante da mesa de som, vestindo uma camisa clara com as mangas dobradas. Na tela do computador havia uma lista de arquivos. Ele ergueu os olhos quando entrei e depois afastou a cadeira que estava ao seu lado.

— Bom dia. O café passou no teste?

— Na segunda tentativa.

— Então minhas instruções foram úteis.

— Não se acostume com a ideia de que vou seguir suas recomendações.

Ele sorriu, mas, antes que pudesse responder, apontou para a tela.

— Verifiquei a gravação de ontem. O salvamento automático tinha sido configurado durante a sessão anterior. Não percebi isso quando preparei o estúdio. Foi um erro meu.

Senti um alívio que não pretendia demonstrar de maneira exagerada.

— O arquivo ficou aqui?

— Sim. Ninguém além de mim ouviu a gravação. Eu precisava verificar o que tinha sido registrado.

— Preferia que você tivesse me perguntado antes.

Ele assentiu.

— Deveria ter perguntado. Não vai acontecer de novo.

Não tentou me convencer de que eu estava exagerando. Isso fez com que o argumento que eu havia preparado perdesse a utilidade. Em seu lugar, surgiu uma percepção desconfortável: eu podia ser firme sem precisar justificar cada palavra.

— Quero guardar uma cópia — falei.

— Claro. Vou transferi-la para o seu disco. Também vamos manter a informação sobre a origem do arquivo, para que não haja dúvidas.

Coloquei o caderno azul-marinho sobre a mesa.

— Nesse caso, podemos começar.

Miłosz olhou para minhas anotações, mas não tentou pegá-las sem permissão. Só abriu a primeira página quando empurrei o caderno em sua direção. Durante alguns minutos, leu em silêncio, acompanhando com o dedo os comentários que eu havia escrito. Observei seu rosto, procurando as reações às quais me acostumara nas reuniões com produtores. Impaciência, condescendência, entusiasmo apressado que serviria mais tarde para facilitar a imposição das próprias ideias.

Não encontrei nenhuma delas.

— Você quer gravar nove composições em seis semanas — disse finalmente.

— Sim.

— Cada uma precisa ter uma estrutura própria?

— Todas já têm.

— Não foi isso que perguntei. Quero saber se você vai permitir que a estrutura mude durante as gravações.

Passei a observá-lo com mais atenção.

— Não estou planejando um álbum improvisado.

— Nem eu. Mas, se você veio até aqui apenas para reproduzir as notas que escreveu, poderíamos gravar tudo em três dias.

— Tecnicamente, provavelmente sim.

— E provavelmente seria um álbum muito bom.

Eu não esperava aquela resposta.

— Mas estou ouvindo um "porém".

— Porém, não seria o álbum que você veio fazer aqui.

Fechei o caderno.

— Você não me conhece o suficiente para fazer essa avaliação.

— Conheço suas gravações.

— Não é a mesma coisa.

— Justamente por isso quero que trabalhemos de outra maneira.

Por alguns instantes, ouvi apenas o ruído constante da ventilação. Não gostei da segurança com que ele falava sobre algo que nem eu mesma conseguia definir. Gostei menos ainda de perceber que uma parte de mim queria ouvir o restante.

— Qual é a sua condição? — perguntei.

Miłosz se recostou na cadeira.

— Durante a primeira semana, não vamos gravar material destinado ao álbum. Vamos ensaiar, experimentar sonoridades e procurar aquilo que realmente interessa a você. Sem a pressão de terminar uma composição.

— Não passei dois meses preparando um planejamento para abandoná-lo agora.

— Não estou pedindo que abandone o planejamento. Estou pedindo que considere a possibilidade de nem tudo o que está nele ser necessário.

— É fácil dizer isso quando você não vai precisar responder pelo resultado depois.

— Vou responder pela qualidade da produção. É exatamente por isso que estou colocando essa condição.

Senti aquela impaciência conhecida. As pessoas do meio musical adoravam falar sobre liberdade artística, até que surgia a possibilidade real de entregar o controle ao intérprete. Então começavam as sugestões, as consultas e os argumentos relacionados ao mercado. Eu já tinha ouvido vezes suficientes que deveria ser mais acessível, mais ousada ou menos exigente.

— Não vou concordar com uma experiência cujas regras desconheço — falei.

— Entendo. Então vamos estabelecê-las juntos.

Mais uma vez, a resposta me tirou do ritmo.

— Você não vai tentar me convencer?

— Estou tentando. Só não pretendo fazer isso ignorando suas objeções.

Ele se levantou e caminhou até o instrumento que ficava perto da janela. Era um piano antigo de madeira escura, arranhado em alguns lugares, com uma das pernas substituída. Abriu a tampa, pressionou algumas teclas e fez uma leve careta.

— Está ouvindo?

— O segundo fá está um pouco mais baixo.

— Exatamente. O afinador vem na quinta-feira. Antes disso, gostaria de verificar se esse instrumento faz sentido em alguma das composições.

— Desafinado?

— Imperfeito. Existe uma diferença.

Ele se sentou e tocou uma sequência simples de acordes. Não havia nada particularmente impressionante nela. Ainda assim, em suas mãos, a música soava como se cada nota tivesse o direito de permanecer no ar até desaparecer naturalmente. Miłosz não acelerava nem tentava demonstrar habilidade. Escutava o instrumento em vez de obrigá-lo a obedecer.

— Você toca bem — comentei, antes que pudesse me impedir.

— O suficiente para saber quando parar.

Ele virou a cabeça, e seu olhar permaneceu sobre mim por um segundo além do necessário para aquela conversa. Percebi discretas marcas de cansaço sob seus olhos. Era atraente de uma maneira que tinha pouco a ver com traços perfeitos. O que me atraía era sua atenção, a segurança tranquila de seus movimentos e o fato de não precisar preencher cada instante com a própria voz.

— Não quero fazer outro álbum que alguém considere apenas tecnicamente correto — falei mais baixo.

Miłosz retirou as mãos do teclado.

— Então já concordamos em alguma coisa.

— Isso ainda não significa que aceitei suas condições.

— Não espero uma rendição imediata.

— Ótimo. Porque ela não vai acontecer.

Ele soltou uma risada breve. Não era o riso de alguém que considerava sua interlocutora engraçada contra a vontade dela. Parecia mais a reação de um homem que realmente se divertia com nossa troca de palavras.

Voltamos à mesa de som. Abri o caderno e propus um acordo: três dias de ensaios, sem qualquer obrigação de aproveitar as gravações, seguidos de uma avaliação conjunta do material. Se não encontrássemos uma direção, voltaríamos ao meu planejamento original. Miłosz pensou por um instante e pediu um quarto dia.

— Por quê?

— Porque, no primeiro, você vai tentar provar que seu planejamento é perfeito. No segundo, vai ficar irritada ao descobrir que não é. No terceiro, talvez comecemos a trabalhar de verdade.

— E no quarto?

— Vamos descobrir se você ainda vai querer me expulsar daqui.

Não consegui evitar um sorriso.

— Você é insuportavelmente convencido.

— Às vezes. É uma das minhas características menos atraentes.

Por um momento, nenhum de nós falou. Percebi que estávamos sentados muito próximos, com pouco espaço entre nossos ombros. Ele não se moveu na minha direção. Eu também permaneci imóvel, mais consciente daquela distância do que gostaria de admitir.

Finalmente, afastei o caderno.

— Quatro dias. Depois disso, eu decido.

— Nós discutimos o material juntos — corrigiu. — A decisão sobre suas composições é sua.

Olhei diretamente em seus olhos.

— Vou me lembrar dessas palavras.

— Espero que sim.

À tarde, começamos o primeiro ensaio. Miłosz não alterou minhas partituras. Em vez disso, pediu que eu tocasse uma das composições sem metrônomo e sem olhar para as notas. Inicialmente, recusei. Quando ele me mostrou como pretendia posicionar os microfones, porém, comecei a compreender sua intenção. Não se tratava de buscar imperfeições por puro capricho. Ele queria capturar o instante em que a música deixava de ser um exercício.

A primeira tentativa foi rígida. A segunda, cautelosa demais. Na terceira, parei no meio de uma frase musical.

— Não consigo — falei.

Miłosz desligou o retorno de áudio.

— Não consegue o quê?

— Tocar como se nada tivesse importância.

— Não foi isso que pedi.

— Você pediu que eu parasse de controlar cada detalhe.

— Não é a mesma coisa.

Apoiei o arco, irritada com minha própria impotência.

— Para mim, às vezes é.

Ele não respondeu imediatamente. Caminhou até a janela e afastou a cortina pesada. A luz da tarde entrou no ambiente, revelando os tons quentes de mel da madeira.

— Celina, não estou tentando tirar seu controle. Só quero que você tenha a possibilidade de decidir quando realmente precisa dele.

Disse aquilo sem pressionar. E foi justamente por isso que suas palavras me atingiram com mais força do que deveriam.

Desviei o olhar antes que ele percebesse o quanto tinham me emocionado.

Quando terminamos, havia uma dúzia de pequenos trechos na tela do computador. Nenhum deles servia ainda para o álbum. Mesmo assim, pela primeira vez em meses, não senti decepção ao encerrar um dia de trabalho. Estava cansada, mas não vazia.

Miłosz salvou o material em uma pasta identificada com meu sobrenome.

— Você vai receber hoje uma cópia de todos os arquivos — disse. — Sem nenhuma seleção da minha parte.

— Obrigada.

Fechei o estojo do violino e caminhei até a porta. Parei, porém, quando ouvi meu nome.

— Celina?

Virei-me.

— Sim?

— Aquela melodia de ontem. Você não precisa mostrá-la a ninguém. Mas, se algum dia quiser voltar a trabalhar nela, eu gostaria de ouvir.

Por alguns instantes, fiquei olhando para ele, procurando algum pedido escondido de autorização para algo mais.

Não encontrei nenhum.

— Talvez — respondi.

Ele sorriu.

— É uma resposta justa.

Saí do estúdio com a estranha sensação de que algo mais importante do que a definição de um cronograma havia acontecido. Durante algumas horas, eu não precisara ser uma violinista extraordinária nem uma mulher que sempre sabia o que queria. Pude ser apenas uma pessoa tentando recuperar a própria voz.

Na escada, parei e olhei pela janela para a floresta que escurecia. Do andar de baixo veio o som de um piano. Miłosz tocou alguns acordes, ficou em silêncio e depois recomeçou.

Não reconheci a melodia.

Mesmo assim, permaneci na escada até que ele terminasse.

Capítulo 2 - Entre as notas

No segundo dia, acordei com o cheiro de pão fresco. Durante alguns segundos, não soube onde estava. O teto de madeira, os lençóis claros e o murmúrio da chuva do lado de fora não se pareciam em nada com meu apartamento em Varsóvia. Só quando vi o estojo fechado do violino ao lado do guarda-roupa me lembrei de Podláquia, do estúdio e do produtor que acreditava que eu seria capaz de criar músicas melhores se parasse de me esforçar tanto para conseguir isso.

Havia uma mensagem da minha amiga Marta esperando no celular.

"Está viva? Aquele seu produtor misterioso já conseguiu te deixar maluca?"

Sorri e respondi que estava viva e que me levar à loucura aparentemente fazia parte das qualificações profissionais dele. Marta respondeu imediatamente.

"Parece promissor. Só toma cuidado para não tentar ser forte de novo em vez de ser feliz."

Deixei o telefone de lado.

Marta era a única pessoa a quem eu havia contado a verdade sobre meu último concerto. Não aquela versão conveniente sobre esgotamento e necessidade de descanso, mas sobre o momento em que, diante da plateia, eu me sentira completamente desconectada da própria vida. Durante muito tempo, acreditei que aquele fosse o preço do sucesso. Marta chamou aquilo de perder a si mesma.

Eu ainda não sabia se ela tinha razão.

Encontrei Miłosz na cozinha, cortando pão. Ele vestia uma calça escura e uma camiseta desbotada. Sem a camisa do dia anterior, parecia menos formal, o que não facilitava em nada minha tentativa de manter distância.

— Bom dia — disse, sem se virar. — O café está pronto. Dessa vez, até a primeira dose ficou boa.

— Você está progredindo.

— Estou tentando merecer reconhecimento.

Ele colocou um prato diante de mim e indicou um lugar à mesa. Sentei-me, sentindo por um instante que era uma visita na casa de alguém que conhecia havia muito mais do que dois dias.

— Quem fez o pão? — perguntei.

— Dona Zofia, de um vilarejo vizinho. Ela traz duas vezes por semana.

— É maravilhoso.

— Vou contar para ela. Gosta de elogios, especialmente quando vêm de pessoas que não fingem entender de panificação.

Olhei para ele por cima da caneca.

— Isso foi uma indireta?

— Ainda não. Estamos apenas começando a nos conhecer.

Ri antes de conseguir manter uma expressão séria. Miłosz retribuiu o sorriso e depois deslizou em minha direção uma pequena folha com um cronograma escrito à mão.

— Antes de começarmos, gostaria de combinar algumas coisas.

Li a proposta. Quatro dias de ensaios, cópias diárias das gravações e uma audição conjunta do material ao final de cada dia. Nenhuma visita ao estúdio sem autorização prévia. Nenhuma publicação de trechos nas redes sociais. O último item estabelecia o direito de interromper uma sessão sem a obrigação de explicar o motivo.

— Foi você que propôs isso? — perguntei.

— Sim.

— A maioria dos produtores com quem trabalhei consideraria o último item uma catástrofe organizacional.

— A maioria dos produtores não trabalhou com você nos últimos dois dias.

Observei-o atentamente.

— O que quer dizer com isso?

— Que, quando alguma coisa te sobrecarrega, você tenta tocar com ainda mais precisão. E, quando chega ao seu limite, pede desculpas por precisar de uma pausa.

Não gostei da rapidez com que ele havia percebido aquilo.

— Você não conhece os motivos.

— Não preciso conhecê-los para evitar colocar ainda mais pressão sobre você.

Fiquei olhando para a folha durante alguns instantes. Depois, tirei uma caneta e acrescentei minha própria condição: todas as decisões relacionadas ao uso, compartilhamento e comercialização das gravações exigiriam uma autorização específica e expressa de ambas as partes. Um acordo verbal durante o trabalho não seria suficiente.